

Parapuã (SP) e a Requalificação de Espaços Livres ao Longo dos Rios Urbanos: Uma Abordagem Sistêmica

Parapuã (Sp) And The Requalification Of Free Spaces Along Urban Rivers: A Systemic Approach

Parapuã (Sp) Y La Requalificación De Espacios Libres A Lo Largo De Ríos Urbanos: Un Enfoque Sistémico

Maria Gabriela Silva Lêdo

Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, UNISALESIANO, Brasil
maria.ledo@unesp.br

Norma Regina Truppel Constantino

Doutora em Arquitetura e Urbanismo; Professora no PPGARQ da FAAC/UNESP
norma.rt.constantino@unesp.br

RESUMO

Estudar a cidade contemporânea é um dos primeiros passos para se entender e buscar soluções cabíveis para algumas das problemáticas atuais, por isso ela vem sendo cada vez mais utilizada como objeto de estudo e percebida como uma estrutura com identidade própria. O aspecto identificado e pormenorizado neste artigo é o da fragmentação socioespacial das cidades contemporâneas e como este aspecto reflete, na descontinuidade dos espaços livres públicos que constituem grande parte do tecido urbano. O objetivo deste estudo é identificar possíveis relações sistêmicas destes espaços livres urbanos por meio de exemplos reais na cidade objeto de estudo, Parapuã-SP, e analisar os benefícios que a interligação desses espaços traria na construção da paisagem contemporânea ao aproveitar um grande potencial latente, principalmente naquelas áreas em que a água se faz presente no meio urbano. Como resultado foi constatada a viabilidade da proposta apresentada, tanto por meio do estudo da morfologia e evolução da urbe, através de mapas e projetos urbanísticos quanto pelas entrevistas realizadas com os moradores da cidade, em especial, com aqueles que habitam nas proximidades das áreas estudadas.

PALAVRAS-CHAVE: Cidades Fragmentadas. Cidades do Oeste Paulista. Sistema de Espaços Livres. Córregos Urbanos.

ABSTRACT

Studying the contemporary city is one of the first steps to understand and seek appropriate solutions to some of the current problems, which is why it has been increasingly used as an object of study and perceived as a structure with its own identity. The aspect identified and detailed in this article is the socio-spatial fragmentation of contemporary cities and how this aspect interferes, in the discontinuity of public open spaces that constitute a large part of the urban grid. The aim of this study is to identify possible systemic relationships of these urban open spaces through real examples in the city under study, Parapuã-SP, and to analyze the benefits that the interconnection of these spaces would bring in the construction of the contemporary landscape by taking advantage of great latent potential, mainly in those areas where water is present in the urban environment. As a result, the feasibility of the proposal presented was verified, through the study of the morphology and evolution of the city, maps or urban projects, and interviews with city dwellers, in particular, with those who live in the vicinity of the studied areas.

KEYWORDS: *Fragmented Cities. Cities of Western Paulista. Free Spaces System. Urban Streams.*

RESUMEN

Estudiar la ciudad contemporánea es uno de los primeros pasos para comprender y buscar soluciones adecuadas a algunos de los problemas actuales, por eso que cada vez se utiliza más como objeto de estudio y se percibe como una estructura con identidad propia. El aspecto identificado y detallado en este artículo es la fragmentación sociológica y espacial de las ciudades contemporáneas y cómo este aspecto se refleja, en la discontinuidad de los espacios públicos libres que constituyen gran parte del tejido urbano. El objetivo de este estudio es identificar posibles relaciones sistémicas de estos espacios libres urbanos mediante ejemplos reales en la ciudad que estudió, Parapuã-SP, y analizar los beneficios que la interconexión de estos espacios traería en la construcción del paisaje contemporáneo aprovechando un gran potencial latente, principalmente en aquellas áreas donde el agua está presente en el medio urbano. Como resultado, se verificó la viabilidad de la propuesta presentada, tanto a través del estudio de la morfología y evolución de la ciudad, de mapas y proyectos urbanos, como a través de entrevistas con los habitantes de la ciudad, en particular, con quienes viven en las cercanías de las áreas estudiadas.

PALABRAS-CLAVE: *Ciudades fragmentadas. Ciudades del Paulista Occidental. Sistemas de Espacios Livres. Arroyos Urbanos*

1 – INTRODUÇÃO

Uma cidade é, em grande parte, formada pelos seus espaços livres públicos com suas diversas tipologias e finalidades, no entanto, percebe-se hoje que muitos deles encontram-se em situação de abandono e excluídos do cotidiano dos habitantes, principalmente devido ao caráter fragmentado da ordenação desses espaços. Esta é uma realidade muito presente em cidades brasileiras, e aqui, com destaque para as do Oeste Paulista, onde percebe-se que os espaços livres públicos não estabelecem uma relação sistêmica que os conecte, isso em parte, devido ao processo de formação da cidade, seu planejamento e a gestão que se seguiu.

Nota-se que determinados espaços livres são mais intensamente utilizados ao passo que outros possuem uma vida muito curta ou são suprimidos durante os primeiros anos que a ocupação urbana os alcança. Este último caso é principalmente percebido quando o espaço em questão é uma área em que a água se faz presente. A significação da água no meio urbano vem se transformando ao longo dos anos e é visível a sua perda de espaço no desenho urbano e o quanto ela representa um obstáculo a ser vencido. Como resultado, esses cursos d'água que nascem e percorrem a cidade tornam-se anônimos, escondidos e não reconhecidos como espaços livres públicos com grande valor social, econômico e ambiental.

Um dos intuitos deste artigo é entender esta situação por meio do estudo de caso da cidade de Parapuã-SP ao relacionar e analisar dois tipos de espaços livres urbanos: vias (espaços intensamente utilizados) e áreas que margeiam córregos (espaços que representam “vazios” urbanos não utilizados). Além disso, após a análise e entendimento, o objetivo é ressaltar a importância de estabelecer uma relação sistêmica entre os espaços livres urbanos por meio da exposição de duas áreas onde seriam cabíveis propostas e projetos integrados.

A metodologia do trabalho foi embasada em pesquisas bibliográficas referentes ao tema e em levantamento de dados através de mapas, projetos, fotografias e entrevistas com os moradores da cidade. O estudo mostrou que Parapuã-SP é uma cidade com grande potencial, mas que ainda é pouco explorado pois algumas diretrizes precisam ser estabelecidas para que estas, de fato, aconteçam. Isso tudo permite refletir que a ordenação da paisagem pode tornar novamente perceptível as conexões entre o meio urbano e o natural, entre as vias e as águas urbanas e que pequenos projetos de requalificação de áreas onde o potencial de uso não está sendo adequadamente aproveitado talvez seja um caminho promissor para a construção de uma paisagem contemporânea que vise uma melhor qualidade de vida.

2 – MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada foi a da pesquisa qualitativa no que se refere à abordagem dos significados, motivos e valores através da observação e análise de determinadas percepções, intenções,

sentimentos e comportamentos. Portanto, o objetivo da pesquisa tem uma intenção exploratória sobre os temas abordados e escolhidos a partir das chaves de leitura; os espaços livres do ponto de vista histórico relacionados ao processo de formação da cidade e os espaços livres do ponto de vista morfológico, ou seja, sua forma, função, suas mudanças e as relações que estabelecem (ou não) com o entorno. Para isto foi realizada uma pesquisa em livros e artigos para recolher e sintetizar os principais conceitos e teorias explorados, de maneira geral os de; paisagem, sistema de espaços livres, fragmentação das cidades contemporâneas brasileiras, requalificação de áreas subutilizadas, interdependência dos espaços, espaços verdes e águas no meio urbano. Essa abordagem conceitual foi apresentada a partir de uma realidade específica que são os espaços públicos livres identificados na cidade de Parapuã-SP.

Foram reunidos, portanto, fotografias de acervos pessoais e do Museu de Parapuã, mapas referentes ao território e projetos urbanísticos de diferentes anos do acervo da Prefeitura da cidade, além de dados obtidos através do parapuense e memorialista Alcides Borghi e entrevistas realizadas com demais moradores da cidade, na forma de questionários impressos entregues à população e, também, disponibilizados online. As perguntas dos questionários foram direcionadas para coletar as percepções que os habitantes de diferentes faixas etárias da cidade de Parapuã-SP têm, principalmente sobre as áreas estudadas, buscando descobrir a relação dos entrevistados com a cidade e seus espaços públicos livres, até a noção do que é um Plano Diretor e se ele existe na cidade de Parapuã. Sendo assim, todo o material recolhido contribuiu para a reflexão teórico-conceitual, levando em conta que são dados iniciais e que são validações temporárias passíveis de mudança.

3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 As cidades do Oeste Paulista

“O Oeste já era povoado antes da chegada do café” (LANGENBUCH, 2004, p. 44) O autor explica que essa ocupação inicial se dava de forma “esparça” com os núcleos urbanos sob forma de “freguesias” ou “vilas” que se mantinham através do comércio e da prestação de serviços à população rural que circundava a área e/ou de pouso de tropeiros, até a expansão cafeeira mudar esta realidade. Sendo assim, foi esta identidade econômica baseada na agropecuária que impulsionou o povoamento e o crescimento destes povoamentos, e posteriormente, cidades. O plantio, principalmente, do café foi o “chamariz” para atrair novos investidores e conseqüentemente novas formas de investir que dessem respaldo a essa agricultura cafeeira e ajudassem na diversificação do mercado. A partir disso, o binômio café/ferrovia passa a ser a mola propulsora da marcha para o oeste visando o “tenaz desejo do ganho” (MONBEIG, 1984, p. 390) e o motor desbravador do território intitulado como a Princesa do Oeste.

“Assim como o café alterou a fisionomia física, humana, social, cultural e econômica do Estado, a rede ferroviária atuou como meio de organização do território, determinando o traçado dos lotes e as fundações urbanas.” (CONSTANTINO, 2010, p.2). A mesma autora identifica, ainda, outro elemento determinante para se entender o processo de formação das cidades do Oeste Paulista - o seu caráter privado e capitalista - no qual “a publicidade feita em torno de um patrimônio valorizava os imóveis e fazia com que esses fossem comprados/vendidos, bem como os lotes urbanos e muitas vezes o projetista urbano dedicava mais tempo ao plano de propaganda de um patrimônio do que ao desenho do plano urbano.” (CONSTANTINO, 2010, p.3)

Neste contexto, as cidades eram formadas a partir da gleba de uma ou mais fazendas, e portanto, essa ocupação, visando a maior obtenção de lucro possível e o máximo aproveitamento do território, condicionou a maioria dos traçados urbanos. Evitar custos era uma diretriz que resultava em uma menor preocupação com os investimentos na infraestrutura e no planejamento do projeto urbanístico, o qual acabava por prender-se à um traçado ortogonal que futuramente se desenvolveria de forma fragmentada e descontínua. Hoje, portanto, essa leitura segmentada dos espaços que compõem as cidades brasileiras é vista como uma identidade que têm suas raízes ligadas ao seu processo de formação e consolidação, ao passo que:

A conformação de grande parte dos municípios brasileiros vem se dando através da aplicação de lógicas introvertidas e a produção de espaços que tendem a não se relacionar entre si, onde sistemas biofísicos e urbanos são vistos como antagônicos e são reflexos de uma leitura segmentada de ambas as partes, o que inclui segmentações espaciais, funcionais e sociais. (TARDIN,2010, p.8)

3.2 Análise da formação da cidade de Parapuã

Figura 1: Localização do Município de Parapuã-SP



Fonte: PMGIRS – Parapuã 2012, 2020

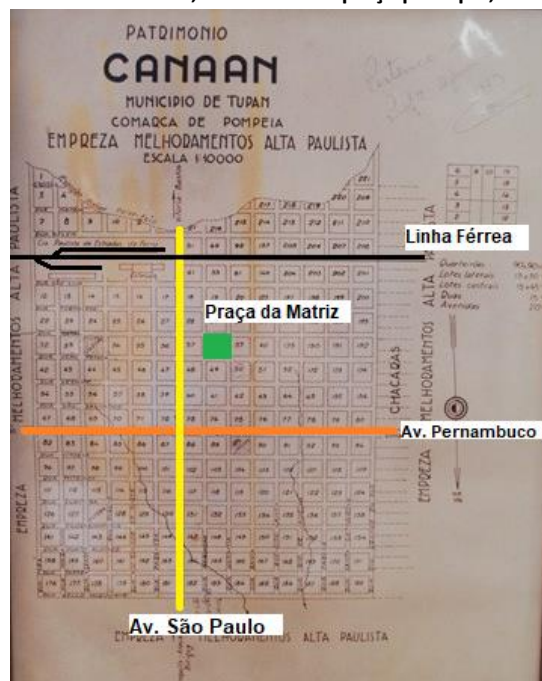
Parapuã é uma cidade com pouco mais de 12 mil habitantes, no interior do Estado de São Paulo, mais especificamente pertencente à porção Oeste do território, e portanto, carrega em sua história e morfologia características similares às de outras cidades pertencentes a esta parcela do Estado, sobretudo no que diz respeito à influência do binômio café/ferrovia na estruturação da urbe.

O inicialmente distrito de Canaan foi elevado à categoria de município em 8 de dezembro de 1944, data em que a cidade foi fundada e renomeada Parapuã pelo colonizador Luiz de Souza Leão. O colonizador adquiriu a gleba oriunda de terras desmembradas do município de Tupã, ou seja, de terras originárias da Fazenda Guataporanga. A economia agrária e a promessa futura da chegada da linha férrea Alta Paulista foram as responsáveis pela escolha do território e o início do assentamento. Os principais fatores que deram origem à cidade foram o traçado da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a qual viria alcançar a cidade somente em 1949, e a extração de madeira, a partir da qual surgiram as primeiras plantações de café, principal cultura da cidade e responsável por dar à ela o título de “capital do café”.¹

Ao entender o processo de formação desta cidade fica evidente as motivações que influenciaram o desenho urbano desde os seus primórdios como Canaan; um traçado ortogonal, predominantemente um quadrilátero retilíneo estabelecido a partir de um quarteirão todo destinado a ser a praça principal e a duas avenidas principais que se cruzam. (SILVA, 2006, p.159). Essa leitura do território a partir dos conceitos de Silva (2006) permite analisar a malha urbana a partir de um “fator de diferenciação” que é a localização da ferrovia.

¹ Informações obtidas através do memorialista Alcides Borghi.

Figura 2: Mapa do Patrimônio de Canaan, destacando a praça principal, as avenidas e a linha férrea



Fonte: Prefeitura Municipal de Parapuã, com intervenção da autora, 2020

“Quando era possível saber de antemão a sua futura localização, podia-se acomodá-la no traçado e mesmo tirar partido dela. Neste caso, quase sempre a cidade se estabelece paralelamente à linha do trem.” (SILVA, 2006, p.157)

Este traçado mais rígido e tradicional que apresenta uma praça cercada por quatro ruas acabava por ser muito eficiente e econômico na época, já que o traçado geral dificilmente precisava ser alterado e originava ruas mais ou menos iguais, as quais proporcionavam lotes de praticamente mesmo valor, facilitando muito a venda. No entanto, os espaços livres públicos acabavam por não serem previamente planejados como parte integrante de um mesmo sistema e sua localização é resultado da retícula da cidade. É evidente que as ruas majoritariamente retas e perpendiculares facilitam o acesso a essas áreas, mas não se percebe outro elemento que unifique e justifique tais localizações.

“Os espaços livres no meio urbano são um conjunto de espaços não edificadas, descobertos, inseridos na malha urbana de porte significativo no tecido da cidade.” (TÂNGARI;SILVA, 2010). Esses espaços quando pensados de forma ordenada e integrada formam a identidade do território, do contrário, acabam por serem realidades distintas ou, ainda pior, opostas. Isso fica evidente na explanação de Tardin (2010) sobre a paisagem como um sistema. A autora explica que a ordenação física da paisagem a partir da concepção desta em sistema compreende em entender as relações

entre sistemas e a participação social como diretrizes para interpretar a vida da cidade, como surgiu, como se mantém e como se expande. (TARDIN, 2010)

3.3 A Cidade de Parapuã e suas águas

Se a cidade surgiu em função da linha férrea, esta teve seu traçado estabelecido em função da localização do rio, neste caso, dos rios Aguapeí e Peixe. É fato que a proximidade com a água foi, desde o início, uma escolha estratégica visando a proteção, o abastecimento e o escoamento. No caso de Parapuã não foi diferente, sua economia agropecuária dependia de um abastecimento hídrico abundante. Essa importância é percebida desde a concepção do nome de origem indígena da cidade, do tupi “PARÁ-POAN”, que tem por significado a expressão “entre rios” levando em consideração sua localização entre os rios Aguapeí e Peixe. Portanto esta relação extrativista entre a cidade e os rios, que perdura até hoje, faz-nos entender um pouco mais sobre a morfologia da malha urbana, sua localização, evolução ao longo do tempo e o significado da água no contexto urbano.

Dentro dos limites da área urbana de Parapuã encontram-se duas nascentes com seus respectivos braços que cortam o município até alcançarem a área rural, onde os dois cursos d’água se encontram e dão origem ao Córrego do Alheiro, como mostra a Figura 3.

Figura 3: Planta de Parapuã-SP- destaque para os cursos d’água em azul



Fonte: Prefeitura Municipal de Parapuã, com intervenção da autora, 2020

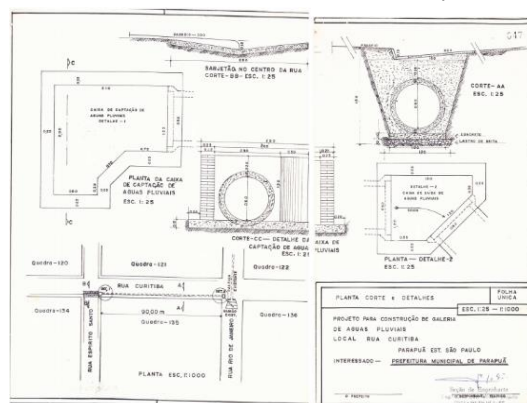
O curso d’água número 1 segue um caminho quase que perfeitamente retilíneo e a rua seguiu seu traçado, já o curso d’água número 2 segue uma trajetória mais orgânica, a qual a rua não seguiu. O que também fica evidente diante dessa situação é que existe uma forte tradição por parte da administração pública de sobrepôr o sistema viário independente da existência dos cursos d’água. Percebe-se uma relação hierárquica entre a rua e o rio, na qual a rua parece sempre ter prioridade

de espaço ao passo que ao rio resta apenas o seu enclausuramento, ainda mais quando este não possui uma grande magnitude. Ao se perceber essas características surge o questionamento: como estes córregos coexistem com a cidade edificada? Apesar da diferente morfologia e extensão, estes dois córregos possuem uma característica em comum: ambos foram canalizados.

3.3.1 Os projetos de canalização

Os projetos de canalização mais antigos realizados na cidade de Parapuã foram feitos no ano de 2000 em trechos da Rua Rio de Janeiro e da Avenida Pernambuco.

Figura 4: Canalização envolvendo a Rua Curitiba e a Rua Rio de Janeiro, ano 2000 – Planta, Corte e Detalhes



Fonte: Prefeitura Municipal de Parapuã, 2020

Apesar de importantes, estes projetos de canalização se encontram hoje em um contexto diferente, o da cidade contemporânea. Nesse sentido, surgem novas realidades e necessidades principalmente quando se pensa na expansão da cidade, onde estas futuras áreas urbanizadas têm potencial e recursos para conciliar um projeto urbanístico ao meio natural existente. Essa maior conciliação ajudaria, por exemplo, em uma promoção de novos tipos de espaços públicos livres mais heterogêneos, funcionais, ligados à questão ambiental e, portanto, mais dinâmicos e interconectados com a sociedade atual.

3.3.2 Análise dos casos da Rua Rio de Janeiro e da Avenida Pernambuco.

Ao analisar o processo de formação da cidade de Parapuã percebemos que os espaços livres são oriundos de sobras e acasos, ou seja, surgem geralmente em contextos específicos para solucionar problemáticas pontuais. Essa situação é percebida no local objeto de estudo escolhido; as áreas que margeiam os córregos que nascem em meio a cidade e seus processos de canalização ao longo dos anos. Na Figura 5 podemos perceber a Rua Rio de Janeiro, sob a qual corre o córrego, e o quarteirão que “interrompe” a continuidade da rua e onde ressurge o córrego. Além disso, é neste trecho que o córrego canalizado “respira” e sua existência pode ser, mesmo que brevemente, notada.

Figura 5: Vista aérea da cidade de Parapuã – destaque para a Rua Rio de Janeiro e Quarteirão subsequente



Fonte: Google Earth, com intervenção da autora, 2020

Já no caso da Av. Pernambuco (a via pode ser usada como referência da presença do córrego, como é destacado na Figura 6), o córrego canalizado atravessa a avenida e segue seu caminho na diagonal, atravessando 5 quarteirões até a Av. São Paulo, onde é possível visualizar a água e perceber como essa presença influenciou na ocupação destas quadras. O córrego pouco interfere nos quarteirões 1,2,4 e 5 e por isso, o loteamento aconteceu de forma mais intensa. Por outro lado, no quarteirão número 3 o córrego passa de forma mais centralizada o que influenciou na sua não ocupação, uma área livre, identificada neste estudo como sendo de grande potencial para ser um espaço livre público.

Figura 6: Vista aérea da cidade de Parapuã – destaque para a Av. Pernambuco e quarteirões subsequentes



Fonte: Google Earth, com intervenção da autora, 2020

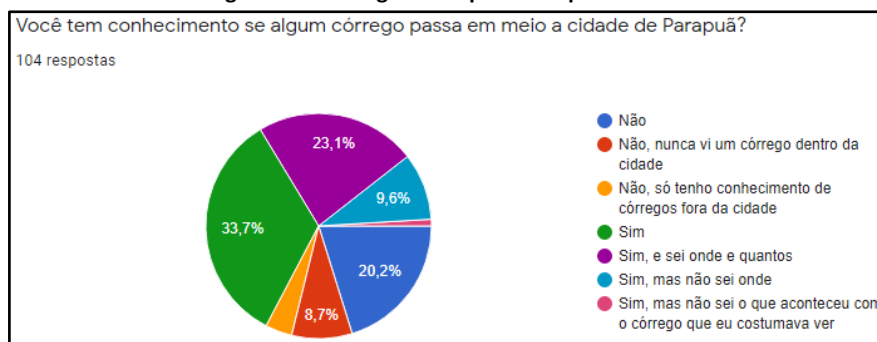
Através destas duas imagens percebe-se que o espaço viário não estabelece uma relação sistêmica e integrada com o espaço livre público compreendido pelas margens dos córregos, apesar de existir

conexão entre eles. Nestes trechos em que o córrego é visto na superfície, a via o contorna e segue de modo a não interromper o ritmo do quadrilátero urbano. É a partir da identificação dessas duas quadras praticamente vazias onde os córregos se encontram que se chega ao ponto principal desse artigo: a importância de ordenar espaços livres urbanos de forma sistêmica numa realidade de cidade fragmentada onde esses espaços encontram-se perdidos na malha urbana.

3.4 Análise dos Resultados dos questionários

Quanto à existência de córregos em meio à cidade percebeu-se que a maioria das pessoas com mais de 40 anos sabia da existência dos córregos e das canalizações realizadas, no entanto, as pessoas mais jovens, majoritariamente, não sabiam sequer da existência dos córregos quanto menos das canalizações. Com isso fica evidente a perda da memória coletiva a respeito do assunto.

Figura 7: Gráfico gerado a partir do questionário



Fonte: Acervo da autora

A maior parte das pessoas (69,2%) mostrou-se interessada em frequentar espaços livres destinados ao lazer onde a água e a vegetação se fizessem presentes, por considerá-los importantes, porém 27,9% considerou viável um espaço com essas características apenas se o local fosse bem planejado e recebesse manutenção constante.

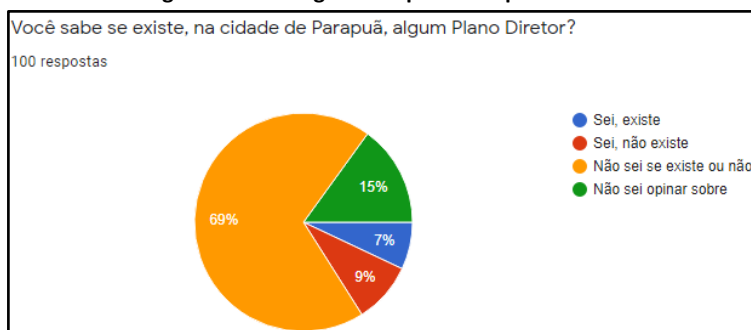
Figura 8: Gráfico gerado a partir do questionário



Fonte: Acervo da autora

Na maioria das cidades a requalificação dos espaços livres e sua ordenação harmônica são previstos nos Planos Diretores para que haja uma gestão mais coesa, contudo, Parapuã não conta com um Plano Diretor por este não ser uma realidade obrigatória, fato que distancia ainda mais a população de construir e gerir o espaço que habita, como mostra o resultado a seguir (Figura 9):

Figura 9: Gráfico gerado a partir do questionário



Fonte: Acervo da autora

4 – PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: AGIR COM A PAISAGEM

Paisagem, segundo a Convenção (Council of Europe, 2000), é qualquer área, tal como é percebida pelas pessoas, cujo caráter seja o resultado da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos. Este artigo tem como base teórica a quinta porta da paisagem defendida por Besse (2006): a paisagem como projeto, e compartilha da ideia de que o projeto da paisagem seria “criar algo que já estava ali” (BESSE, 2006, p.61). E que, portanto, requalificar um território seria não apenas aderir novas qualidades a ele mas também evidenciar um potencial que já estava ali, esperando para fazer parte do processo de construção da paisagem.

4.1 Proposta para a rua Rio de Janeiro

A proposta é de requalificar a quadra que se encontra entre as ruas Niterói, Espírito Santo, Vitória e Paraná, através de um projeto de revitalização deste espaço livre a fim de aproveitar a presença da água para criar um espaço destinado ao lazer, a preservação da natureza e a interagir com a Rua Rio de Janeiro, uma vez que, daria continuidade ao verde do canteiro central da rua e também permitiria que as várias pessoas que costumam caminhar ali continuem seu trajeto e sua atividade física por esse espaço mais amplo, conforme Figuras 10 e 11. A ideia é fazer deste espaço um lugar novamente utilizado pela população ao promover o replantio de árvores, caminhos para pedestres, nichos esportivos e incentivar qualquer outra atividade ligada ao lazer e a cultura, disponibilizando uma área livre que atenda diferentes usos.

Figura 10: Foto da Rua Rio de Janeiro – destaque para o canteiro central



Fonte: Acervo da autora

Figura 11: Foto da área de margem do córrego canalizado vista da Rua Niterói



Fonte: Acervo da autora

4.2 Proposta para a Avenida Pernambuco

A segunda proposta é a de requalificar a quadra que se encontra entre as ruas Niterói, Paraíba, Porto Alegre e Rio Grande do Norte, através de um projeto de revitalização deste espaço com objetivos semelhantes: reflorestar, estimular o convívio social, promover um espaço de lazer e reavivar a memória do córrego que existe ali, conforme Figuras 12 e 13. Neste caso, apesar da avenida Pernambuco não estar imediatamente ao lado da quadra, é possível relacionar estes dois espaços e perceber sua conectividade através do caminho que a água percorre e os vestígios que deixa no trecho diagonal de 5 quadras em sequência até alcançar a outra avenida principal da cidade, a Avenida São Paulo.

Figura 12: Vista do quarteirão proposto a partir da rua Niterói



Fonte: Acervo da autora

Figura 13: vista do quarteirão proposto a partir da rua Rio Grande do Norte – destaque para o terreno



Fonte: Acervo da autora

Outro dado interessante e que reforça a viabilidade da proposta é o fato do quarteirão sugerido já ter um projeto de continuidade da canalização denominado Projeto Fehidro 2020 (dado obtido na Prefeitura Municipal). O projeto ainda não foi realizado devido à situação atual de pandemia, no entanto, essa é uma oportunidade para conciliar estes dois projetos de modo que a área seja revitalizada visando atender às necessidades urbanas, naturais e sociais. A visão sistêmica permite que se percebam novas e mais abrangentes conexões não só entre os espaços propostos, mas também, entre os espaços livres urbanos que já estavam ali, como podemos observar na figura 14.

Figura 14: Esquema mostrando a possível relação sistêmica entre os espaços



Fonte: Google Earth, com intervenção da autora, 2020

A partir dos esquemas destacados na imagem nota-se que os dois espaços propostos se relacionariam entre si a partir de dois fatores: o natural e o urbano. No que diz respeito ao natural essas duas áreas se interligam através do encontro dos dois caminhos d'água que originam o Córrego do Alheiro. Já no âmbito urbano, os dois espaços se conectariam através da rua Niterói, que passa ao lado dos dois terrenos, e através do ponto de encontro da avenida Pernambuco com a rua Rio de Janeiro, a partir do qual seria possível acessar as duas áreas. Além disso, possibilita a relação com o espaço livre que a população mais utiliza na cidade, a Praça da Matriz (segundo dados do questionário aplicado).

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência urbana é alavancada quando as potencialidades de integração entre os espaços livres e os recursos naturais promovem uma função social e expandem as possibilidades de vivência da paisagem no âmbito cultural e ecológico. Perceber a cidade contemporânea, suas necessidades e como ela se relaciona com a água que a modela é perceber aspectos da paisagem, suas linhas, tramas e volumes. Portanto, ao trabalhar com a paisagem, pequenos projetos de intervenção, como os apresentados neste texto, podem promover as mudanças necessárias no tempo presente. Para isso, é fundamental que tanto os administradores quanto os cidadãos tomem consciência da importância de uma paisagem que atenda a sociedade, ordene o território e promova a sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean Marc. O gosto do mundo. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2014. 234 p.

CONVENÇÃO EUROPÉIA DA PAISAGEM, *European Landscape Convention*, CETS n.º 176, Estrasburgo, Conselho da Europa, 2000.

CONSTANTINO, N.R.T. A estrutura agrária na formação do tecido urbano das cidades do Oeste Paulista. In: SALGADO, I.; BERTONI, A. (org.). **Da construção do Território ao Planejamento das Cidades**: competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas (1850-1930). São Carlos: Rima, 2010. p. 35-49.

LANGENBUCH, J. R. Ferrovias e cidades do Oeste Paulista. In: RETTO Jr., A. S. ENOKIBARA, M., CONSTANTINO, N. R. T., MAGALHÃES, K. C. Conhecimento Histórico – Ambiental Integrado Na Planificação Territorial E Urbana. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec-Polis, 1984. 390 p.

SILVA, Rachel Coutinho Marques da. **A cidade pelo avesso**. São Paulo: Editora Viana & Mosley, 2006. p. 157 -159.

TÂNGARI, Vera; SILVA, Jonathas M. Pereira da. Requalificação Paisagística de espaços livres no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro: um percurso de aproximação entre pesquisa e intervenção profissional. In: 10º ENEPEA, Porto Alegre, 2010.

TARDIN, R. Ordenação Sistêmica da Paisagem. In: I Encontro da Associação Nacional de Pesquisa em Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2010, Rio de Janeiro. **Anais do I ENANPARQ**. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2010. v.1. p.1-18.